



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; G. Castello Branco; G. Dantas; C. Seim; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Pina Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc

SUMMARIO

TEXTO: — *Chronica*, por Santilhana; *Angola e Congo*, por Alberto Telles; — *J. Beatriz de Portugal*, por Alberto Pimentel; — *Um amor de quaresma*, conto, por Guiomar Torrezão; — *As nossas gravuras*; — *Antes e depois*, versos, por G. Dantas; — *A vir*; — *Perfis*, versos, por Luiz Silva; — *Um conselho por semana*; — *Em familia (passatempos)*; — *A volta*, conto, por José Maria da Costa; — *Fragmentos*, (de A. Karr); por Castor.

GRAVURAS: Joaquim Maria Travassos Valdez, — Mathilde Marcello (Nogueiras), Pio IX; — *Modas*.

voltou a illuminar o *bois* de Vincennes, em cujos plainos se ouve o *brouhaha* festivo e alegre da feira do *pain d'épice*.

*C'est la première du printemps
Au thèà re de la Nature,
Les oiseaux chantent l'ouverture,*

e ao longo dos campos, debaixo das macieiras em flor, os namorados extasiam-se na contemplação do azul infinito, permutando beijos o promessas.

CHRONICA

Eu não sei bem se estamos na primavera.

Os parizienses teimam que sim, registrando alegremente a apparição do primeiro fiacre descoberto nos *boulevard's* e do primeiro raio de sol a espalhar nas alturas a sua poeira d'ouro.

Segundo elles affirmam, Paris despertou um dia d'estes sob a tepida caricia primaveral; e as janellas dos grandes palacios e das pequenas mansardas abriram-se de par em par, e todos os rostos se illuminaram, e toda a população, como as abelhas sahindo dos cortiços, abandonou logo pela manhã os seus domicilios, para ir retoiçar alegremente no campo, onde se espalha já um bello aroma saudavel de seiva nascente.

As arvores, ali, estão ainda despidas de folhas, é certo; mas os gomos rebentam já, e as violetas mostram-se timidamente sob o musgo, embalsamando os caminhos e as estradas.

Onde hontem a neve cahia em flocos, tudo hoje se anima, tudo desperta, tudo palpita. O sol retardatario



JOAQUIM MARIA TRAVASSOS VALDEZ

Tudo isto nos dizem os parazienses, e pode muito bem ser que assim seja. Não temos, mesmo, a maior repugnancia em acreditar-o, embora saibamos de quanto é capaz a *blague* franceza, porque, afinal, as folhinhas marcaram já ha muitos dias o inicio da primavera, e o abril está connosco.

Mas o que se nos afigura, é que a estação dos idyllios *sub tegmine fagi* limitou as suas caricias tepidas á grande cidade onde florescem Paulus e Boulanger, os dois maiores successos da França republicana nos modernos tempos.

Cá pelos nossos sitios, onde apenas florescem as lorangeiras e o sr. Marianno de Carvalho, a respeito de primavera... temos conversado. Nem uma, nem meia. Absolutamente nada.

E' certo que a Theodorini já se despediu de nós por musica, e quando ella assim se despede, é porque a inverno se foi.

Não é menos certo, tambem, que os theatros agonizam no seu ultimo arranco; que já houve corridas no Hypodromo de Belem; que appareceram já na Avenida as primeiras carruagens descobertas, e que as andorinhas, todas as manhãs, me cantam a alvorada no beiral do telhado e no peitoril da janella, procurando arraigar no meu espirito a convicção profunda de que o inverno bateu em retirada.

Todavia, apesar de todas estas manifestações primaveraes com que se arma á minha credulidade, eu sinto frio, sem que tenha chegado ainda á idade propecta do macrobio actor Silva Pereira, idade em que não ha julho que aqueça, nem agosto que avigore, nem setembro que reanime.

Sobre tudo ao lusco-fusco e pela noite dentro, um frio de mil demonios! Em vez de caricias mornas na epiderme ainda gretada e rubra, uns affagos brutos de gata brava, feitos pelo nordeste damnhinho. Em lugar de brisas tepidas e suaves, as aguas frias do ceu brumoso a pingarem, a pingarem, e a ventania a entoar tristes nenas, coando-se pela rede emaranhada dos fios telephonicos.

No entanto, a Paschoa da Resurreição já lá vae, com o ultimo adeus de Helena Theodorini, e as andorinhas noivam, noivam, cantando sempre.

Mas abril não é isto, por mais que me digam. Mas a primavera não pode ser assim, por mais que o affirmem os sabios da Escripura; ou então, operou-se na Natureza uma transformação profunda.

Parece que o Supremo Artista se compraz em fazer desenrolar n'um fundo sinistro de tempestades, aguaceiros e brumas densas, a serie enorme de tragedias e de dramas pavorosos a que estamos quotidianamente assistindo.

Não resaltava bem, d'um scenario de luz e de flores, de sol e d'azul, todo esse estendal de desgraças que ha uns poucos de dias nos sobresaltam, fazendo-nos crer que a Misericordia divina é uma mentira e que se está conspirando lá nas alturas para arrazar e destruir todo o existente.

O Grande Scenographo quiz pois que, sobre o immenso tablado mundano, se acastellassem muitas sombras e se agitassem vendavaes enormes, durante o lugubre spectaculo de theatros que o fogo transforma em fomalhas gigantes, de navios que se afundam sepultando no fundo do mar dezenas de infelizes, de miserias que nos confrangem, de lagrimas que nos arrancam lagrimas, de infortunios que não tem remedio, sejam quaes forem os balsamos que a Caridade em de redor d'elles espalhe prodigamente.

A Caridade! Boa e santa coisa, mesmo quando an-

da adjectivada de mais pela rhetorica parvoinha dos poetas!

E a proposito de caridade:

Joaquim Lima, o nosso bom camarada nas arrelias da chronica, espirito alegre e brincalhão que nada, ensombra, alma de rija tempera, que nada abala, e que não sabe mesmo chorar diante das grandes calamidades com medo de que lhe não tomem a serio as lagrimas, estranhou ha dias, alludindo á horrivel catastrophe do Porto, que a santa caridade se estorcesse já nas mãos profanas da politica indigena.

Não o acompanharemos na estranheza. Faz a politica muito bem, tanto mais, se os seus intuitos, sinceramente generosos ou machiavelicamente hypocritas,—isso pouco me importa,—redundarem em grandissimos beneficios para as victimas sobreviventes do medonho incendio e em palpaveis garantias de segurança para todos nós, nos theatros, colyseus e circos da misera Parvonia, onde a vida de cada qual está á mercê da exploração ignobil d'ans empresarios descaroados e avidos de ganancia.

Deixe Joaquim Lima que a politica saia um pouco da intriguinha deprimente dos clubs, e dos brodios electoraes do carneiro com batatas, para auxiliar na missão do Bem os legionarios sinceros e devotados da Philantropia; deixe-a batalhar ao lado d'esse exercito, que tem por general em chefe uma rainha e por melhor troço de soldados leaes, escalonada aqui e ali, em toda a parte—a imprensa.

Da politica, que tanta coisa má tem feito, por desgraça, hade sair agora, estamos d'isso seguros, muita coisa boa. Saindo dos seus velhos habitos de diffamação, desprendendo se dos seus torpes egcismos, cuidará de apurar responsabilidades, de minorar infortunios e de garantir a nossa segurança individual, hoje tão ameaçada.

Especula? Mas especula beneficiando. Explora grandes calamidades em seu proveito? Talvez. Mas d'essa exploração resulta o proveito do proximo. Receba-se a esmola, e não se queira saber, não se cuide de descobrir a mão d'onde veiu.

Por entre as tristezas que um turbilhão enorme de calamidades provoca, vibram de quando em quando as alegrias ruidosas e scintillantes d'uma festa, d'uma estreia, os enthusiasmos consagrados á revelação d'um formoso talento artistico desabrochado em terras portuguezas e educado lá fóra, os applausos offerecidos a uma cantora gentil que nos apparece d'improviso, feita, completa, illustre quasi, brilhando pelo timbre purissimo da sua voz de soprano e pelos requintes da sua formosura peninsular.

Ha pouco ainda, era Regina Paccini, uma creança portugueza, que nos enlevava com os prodigios da sua vocalisação. Hoje, é Mathilde de Sant'Anna e Vasconcellos, uma senhora portugueza, tambem, que nos delumbra, que nos encanta, que nos envaidece com o seu talento de virtuose.

Amanhã, apparecerá outra ainda, e depois outra e muitas, e todas ellas agradecerão á pequenina Pacini o desassombro, a coragem, o valor com que lhes abriu o caminho da gloria.

E nós seremos então já muito velhos, e babar-nos-hemos d'alegria, d'intimo regosijo, quando virmos Regina, millionaria como a Patti, e como a Patti cantada pela fama universal, esposa d'um principe russo, pelo menos.

Mas por Deus, ó gentil compatriota, não case com um dentista, como a Devriés. Prefira o principe russo, e tenham ambos muitos meninos, é o que do coração lhes deseja

ANGOLA E CONGO

Conferencias por F. A. Pinto

I

As applaudidas conferencias que o sr. Francisco Antonio Pinto celebrou em Lisboa, no salão da Trindade e na «Sociedade de Geographia Commercial do Porto» tractaram especificadamente, com relação áquella provincia em geral, e em especial do norte, da geographia physica e botanica, zoologica e ethnica, da ethnographia, do commercio na costa do norte, da religião e da politica, e, finalmente, da occupação do Congo. Colligir esse trabalho, resultante de muitos trabalhos; ajuntar-lhe, como appendice sobremaneira valioso, o relatorio da missão do sr. Pinto ao Zaire em 1882; completal-o com um grande mappa colorido—*Carta de Angola e Congo, 1885*;—precedel-o de uma advertencia pelo esclarecido conferente, e de uma extensa carta do fecundo escriptor, o sr. J. P. Oliveira Martins—foi isso o que muito nas boas horas empreendeu e acaba de realisar a bem conhecida e acreditada livraria-editora do sr. Ferreira, da rua do Ouro, publicando um bello volume de mais de 400 paginas, nitidamente impresso, intitulado *Angola e Congo*, e adornado com o retrato do auctor pelo moderno systema da photo-lithographia.

A primeira conferencia, relativa á geographia physica e botanica, contém, além de alguns preliminares interessantes, a descripção das regiões africanas, a orographia e systema fluvial, e a vegetação na zona baixa, media e alta.

A segunda, diz respeito á geographia zoologica e ethnica, e trata dos quadrumanos, chimpanzé, gorilha, e macaco, do leão e outros carnívoros, dos pachydermes e ruminantes, das aves, dos reptis, animaes aquáticos, articulados terrestres, e das raças humanas—cafres e mestiços.

Refere-se a terceira á ethnographia, e versa todos estes assumptos:—alimentos, fumo, ornatos do corpo, vestuario, bellas artes, familia, propriedade, religião, moral, morte, organização social, guerra, feitiço do Inquimba, industria e imprevidencia.

A quarta occupa-se do commercio na costa do norte, as phases porque tem passado, os vestigios da nossa civilização pelo commercio, o seu movimento em 1882, dos empregados portuguezes e do remedio aos males apontados nas relações commerciaes.

E a quinta e ultima, respectiva á occupação do Congo, porventura a que incita mais a curiosidade de todos, expõe as condições geraes do Congo, e a organização administrativa e judicial, trata dos funcionarios, da qualidade e da força militar, da legislação, instrucção publica, e fazenda, do caminho de ferro de Ambaca e da *Nova Lusitania*.

Eis ahí o amplo horisonte que o sr. Pinto descobriu ás vistas de todos, com o interesse crescente das suas viagens pelo continente africano; eis o vasto programma de um livro em que a observação immediata da natureza, e dos habitos e costumes dos povos, é fortalecida e aviventada pelos dictames de uma razão clara e pela expressão, animada como a existencia, e simples como a verdade.

Logo no começo da primeira conferencia, encontramos algumas curiosas informações, tomadas *de visu*, do sitio onde viveu em Pungo Andongo o celebre jurisconsulto, escriptor e estadista, José de Seabra e Silva. Na escolha da abertura ou introdução da sua obra hão de todos concordar em que o auctor teve seguramente a mão feliz.

Apenas determinada a criação da comarca de Ambaca, é o sr. Pinto nomeado para n'ella exercer as importantes funcções de delegado do procurador da corôa e fazenda; cargo que obteve com facilidade, porque, além da comarca não ser desejada, n'esse tempo sentia-se no ministerio da marinha e ultramar falta de pretendentes aos logares de delegado do procurador da corôa e fazenda. E o motivo porque escolheu a carreira da magistratura no ultramar diz nos elle que foi por lhe ser mais facil o provimento, e mais rapido o percurso para quem tenciona trabalhar e se não arreceia de perigos, e, emfim, porque tinha, e tem, uma certa sympathia pela vida aventureira dos sertões, com todas as suas impressões fortes, inclemencias e novidades.

Chegado a Loanda no meiado de 1877, soube logo o sr. Pinto que em toda a nova comarca não havia casas onde podessem estabelecer-se o tribunal, repartições e funcionarios, vindo a ser por isso escolhida officialmente, para séde provisoria da comarca de Ambaca, a villa ou presidio de Pungo Andongo, que tinha fama notavel de salubridade e conforto.

Nada d'isso, porém, era assim!

«Pungo Andongo não era o que a sua fama dizia;—escreve o sr. Pinto—nem era o que nos livros de geographia se tinha escripto ultimamente, por virtude d'esta fama: era simplesmente um ermo, como quasi todo o resto da grande área d'aquella comarca.

«Tive de installar-me e viver allí no sitio onde no seculo passado viveu José de Seabra da Silva; não na mesma casa, que

estas duram muito pouco. Será melhor chamar-lhe cubata, porque ella era em tudo como a dos pretos indigenas: pavimentos e paredes de terra com tecto de palha. A primeira cubata, porém, que eu habitei pertencia ainda aos successores do Catubia, o celebre preto que hospedou e protegeu Seabra; e estava construida exactamente no logar onde tinha sido a d'este infeliz exilado. Foi um neto do Catubia quem m'o affirmou.» (1)

Nomeado em 1878 curador geral dos serviçoes e colonos da provincia de Angola, o sr. Pinto percorreu n'aquelle anno e no seguinte todo o districto de Mossamedes, e transferido em 1880 para a 1.ª vara de Loanda, esteve nos valles do Bengo e Dande, aproveitando para isso as correições, que foi fazer aos concelhos onde ainda não tinha podido ir, a outro titulo. E, como ainda lhe faltasse conhecer os terrenos a que tinhamos direitos reservados, comprehendidos entre o rio Loge e o 5º 12' de latitude sul, e em 1881 lhe houvesse sido concedida uma licença, fez uso d'ella para ir allí, como particular, visitar o Zaire e Cabinda, percorrendo o Zaire até Bôma. Lá voltou no anno immediato, em commissão do conselho governativo de Loanda, para visitar diferentes portos da costa do norte, do Ambriz até Maiumba, e os pontos das margens do Zaire, onde houvesse estabelecimentos commerciaes, afim de resolver por meio de julgamento arbitral diferentes conflictos que tinha havido entre os subditos portuguezes e as casas estrangeiras e potentades indigenas. O digno magistrado era tambem por essa occasião incumbido de estudar o que haveria a fazer por parte de Portugal para chegarmos á occupação do norte, de modo evolutivo e conforme as nossas circumstancias. Estão publicados no livro os documentos precisos ácerca d'essa commissão—um officio do conselho governativo do primeiro de julho de 1882, assignado pelo sr. Joaquim Coelho de Carvalho, secretario do governo geral de Loanda, e o relatorio, a que já acima alludimos, de 8 de setembro do mesmo anno.

Ha no officio do sr. Coelho de Carvalho um trecho relativo ás missões religiosas n'aquellas remotas partes da monarchia portugueza, que me parece dever aqui apontar á consideração dos leitores, já porque vai de encontro a ideias insistentemente propalladas, já porque a missão religiosa é, sem duvida nenhuma, uma dos elementos mais poderosos de civilização africana. Diz assim:—«... a missão com o caracter puramente espiritual mal tem provado n'estas paragens em que a inferior intellectualidade do indigena não consente que o espirito d'estes povos se eleve e compenetre da alevantada metaphysica christã; e nem isto é para estranhar, porque em vão se pretendem alterar as leis da natureza e fixar de subito n'um cerebro quasi rudimentar idéas superiores para que só uma longa preparação de algumas gerações os torna aptos. Insistir na simples cathechese parece-me pois inutil. Moralisar pelo trabalho, educar pelo exemplo, e ir presentemente procurando fazer das creanças selvagens o homem policiaido, deve ser, ao que me parece, o escopo unico das missões catholicas, porque a semente religiosa que o padre deixar cahir no espirito já medianamente disciplinado fecundará facilmente pela necessidade do sentimento religioso, que toda a alma tem em si. E nem nestas condições os missionarios catholicos teem nada a receiar da propaganda protestante; porque a enorme poesia apparatusa do culto catholico impor-se-ha sempre ao indigena, que pelas condições de raça não chegará a comprehender o culto intimo, celebrado unicamente no sacrario inviolado da consciencia humana.»

Quanto ao relatorio do sr. Pinto, direi apenas que elle mereceu bem a honra de ser impresso e distribuido pelas altas estações officiaes e diplomaticas, principalmente para seu uso nas diversas questões a ventilar com relação ao Zaire, e com especialidade na conferencia de Berlim.

A idéa patriótica da occupação do norte tinha enthusiasma-do os animos juvenis dos srs. Pinto e Coelho de Carvalho. Pensa-

(1) Nunca se soube ao certo a causa da improvisa demissão de José de Seabra e Silva de todos os empregos que exercia na côrte, do seu desterro para a quinta de Valle de Besteiros, e finalmente do seu degredo para Pungo Andongo ou Pedras Negras—assim chamadas por serem as muralhas naturaes e fortissimas do presidio de Pungo Andongo constituídas de uma rocha, cuja negrura é devida á grande quantidade de lickers escuros que lhe cobrem a superficie. (*Angola e Congo*, pag. 22).

A opinião mais geralmente seguida a esse respeito é que José de Seabra e Silva revelara o plano que o marquez de Pombal tinha formado de alcançar, por surpresa, que a princeza do Brazil, D. Maria, renunciasse aos seus direitos, como herdeira da corôa, em favor do principe da Beira, D. José, seu filho primogenito. (*Historia do reinado de D. José I*, pelo sr. S. J. de Luiz Soriano, t. 1.º pag. 147)

Mas «não é facil estribar nos documentos, até hoje conhecidos, uma plausivel conjectura ácerca de ter chegado a formular-se por escripto, e com assentimento do monarcha, o acto de renuncia, em que a princeza do Brazil cedesse dos seus direitos hereditarios em favor do principe da Beira». (*Historia Pol. e Mil. de Portugal*, pelo sr. J. M. Latino Coelho, t. 1.º pag. 142)

va-se em a levar a cabo; haviam-se ponderado as dificuldades e previsto os resultados bons e maus da empresa, deliberando-se a final tentá-las. Pois, como por fallecimento do governador geral, Antonio Eleuterio Dantas, a responsabilidade que lhe incumbia se achasse então dividida pelos quatro vogaes do conselho governativo, facil seria a desculpa, em caso de revez, para com o governo; e, se fosse bem succedido o commettimento, a despeito das persistentes ambições da Inglaterra, julgou se que bastaria appellar para a moderna theoria diplomatica do respeito pelos factos consummados.

O secretario do governo dirigiu-se ao chefe da estação naval de Angola, para o sondar acerca da occupação do norte.—Este militar valente, instruido e prudente—escreve o sr. Pinto—acalmou os fogos da mocidade com uma simples observação: os inglezes iriam em seguida a nós fazer uma occupação mais extensa, dentro dos territorios a que só nós tinhamos direito; e, mau grado nosso, teriamos de os vér ficar alli até que desistissemos da nossa occupação, facto que fornecia um argumento terrivel contra nós. Esta hypothese seria a mais favoravel.» — Gorou-se, portanto, o plano da occupação militar do Zaire, e a conferencia terminou até por um dito espirituoso do distincto official da armada:—«Isto não é o Zaire, é um desaire!»

Posta assim de parte a idéa de uma occupação immediata do norte, isto é, do territorio a que tinhamos direitos reservados, como acima dissemos, foi dada commissão ao sr. Pinto para estudar os meios de a tornar effectiva.

ALBERTO TELLES.

D. BEATRIZ DE PORTUGAL

(Continuado do numero 36)

VI

CONCLUSÃO

Emquanto Carlos III, que continuava no Piemonte, via escapar-se-lhe das mãos a aliança dos genoveses, a duquesa de Saboya, esposa dedicada, estremecia de cuidados pela saude do duque: «... quil vous plaise ne travailler tant votre personne que tomberiez en aulcune malladie car le plus gros malheur qui sceust venu et a vos enfants seroit qui fussiez mal desposé.»

N'uma outra carta da duquesa ha ainda um trecho mais expressivo do seu carinho conjugal: «... si devan lundy ie nen ay nouuelles je deslivre me metre en chemin que ne sera encoures bien au long iusquez ie soie aupres de vous *quest la chose que plus ie desire en ce monde.*»

Se não recebesse noticias, que a tranquillisassem, a respeito da saude do duque, D. Beatriz dar-se-ia pressa em partir para reunir-se ao marido, pois que era essa a felicidade que mais desejava n'este mundo.

No coração da infanta portugueza não podiam existir, em face d'estes documentos authenticos, vestigios de qualquer paixão, absorvente e malograda, sobredoirada pelo encanto com que a saude de costuma revestir a imagem dos ausentes queridos. Não se vê, atravez d'estas cartas, a amante lendaria de Bernardim Ribeiro: o que se vê é a esposa carinhosa do duque de Saboya.

Sempre envolvido nas agitações politicas da Italia, Carlos III viu-se a braços com uma nova controversia. Disputava agora com o duque de Mantua a successão do Monferrato pela extincção da linha masculina dos Paleologos. A solução foi favoravel ao duque de Mantua, e os partidarios de Carlos III aconselhavam-n'o a empregar a força das armas, a recorrer á violencia.

D. Beatriz de Portugal, que, de longe, acompanhava todas as questões politicas em que o marido se via lançado, revelava o heroismo do seu animo apoiando o conselho com resoluta firmeza: «le vrai expedient et moyen de vostre affere et ni ayez respect ni regard a personne ni a chose du monde.»

Uma dama de tão rija tempera, como D. Beatriz se mostrou em Saboya, não só nos negocios politicos, mas tambem nos domesticos, não menos apertados e difficeis, se se houvesse apaixonado por Bernardim Ribeiro, se tivesse accettato os galanteios do famoso trovador portuguez, haveria tido a coragem de resistir a todas as vicissitudes que combatessem os designios do coração amoroso.

Ao contrario de sua mulher, Carlos III, sempre vacillante, continuava hesitando entre a França e a Hespanha, entre Francisco I e Carlos V.

D. Beatriz tinha, a este respeito, opiniões definidas, e expunha-as com clareza ao marido. Ella era pela Hespanha. E n'este sentido aconselhava ao duque: «... mais que se vous aviez deliberé vous entretenir envers France comme aviez fait jusqu'ici que ce vous serait chose bien difficile pour vivre avec tous deux

neanmoins je espere selon votre acoutumée prudence vous y scaurez bien conduire.»

Todavia as circumstancias eram de geito para entibiar qualquer animo menos forte que o de D. Beatriz de Portugal.

Longe do marido, soffrendo pela saude e pela situação politica d'elle continuados sobresaltos; luctando com a falta de recursos pecuniarios cada vez mais aggravada; tendo perdido seu filho Luiz, que expirara em Hespanha, na companhia de Carlos V, em dezembro de 1536; compromettida, no anno seguinte, a sua delicada saude pelo extremo estado de gravidez em que se encontrava; D. Beatriz de Portugal luctara, em quanto pudera, com animo varonil e esforçado, mas, presentindo a morte, que se avisinhava, preparou-se serenamente para a viagem eterna, ditando as suas disposições testamentarias.

Era, nas circumstancias em que se encontrava, uma princesa pobre.

Mas, pela leitura do seu testamento, reconhece-se toda a humildade dos seus sentimentos religiosos, na recommendação que faz acerca da modestia dos funeraes, e nos pequenos legados, nas ultimas recordações com que testemunha o seu affecto pelas pessoas que a rodejavam, as suas criadas particulares, taes como a ama do fallecido principe Luiz e a mulher do barbeiro do duque.

Herdeiro universal o marido. Aos filhos legava a terça. E recommendava que se do proximo parto nascesse uma filha, não a casassem sem consentimento de Carlos V; e sempre com um principe igualmente illustre em nascimento. De contrario, preferiria que fosse freira.

Legitimo orgulho de uma princesa portugueza que, alongando os olhos para alem do tumulo, procurava evitar que uma filha sua desposasse um d'esses pequenos principes que enxameavam na Italia. Mãe dedicada, queria que a sua prole estremecida tivesse um destino mais tranquillo do que ella tivera.

O testamenteiro nomeado por D. Beatriz foi Francisco de Carvalho, embaixador portuguez junto á cõrte de Saboya.

A duquesa dera á luz uma creança do sexo masculino, que recebeu o nome de João Maria. Mas a saude de D. Beatriz estava de tal modo damnificada, a sua fraquesa era tamanha, que rendeu a alma ao Creador no dia 8 de janeiro de 1538.

O duque não assistiu ao passamento de D. Beatriz; o duque, a quem ella *sempre cosi teneramente aveva amato* diz Claretta. Sendo informado do perigo que corria a vida da duquesa, Carlos III dera-se pressa em partir para Nizza, mas foi no caminho, em Genova, que recebera a fatal noticia.

O duque ficou fulminado. *Dicesi che il dolore da cui il buon Carlo III era oppresso fosse talmente profundo che dava non poco a dubitare della sua esistenza.* E' o testemunho de Claretta.

Comquanto fossem precarias as circumstancias da cõrte de Saboya, Carlos III ordenou pomposos funeraes. Mas, aggravadas com esta despesa as finanças do duque, não foi possivel dar inteiro cumprimento á ultima vontade de D. Beatriz, quanto aos legados que deixara por testamento.

Para memoria eterna de saudade conjugal Carlos III mandou gravar em honra de D. Beatriz, como já dissemos, duas medalhas.

Do casamento de Carlos III com a infanta de Portugal nasceram nove filhos: seis do sexo masculino, sendo um d'elles o celebre Manoel Felisberto, o vencedor de S. Quintino, e tres do sexo feminino.

Aqui fica pois reconstruida, graças á monographia de Claretta, a vida da infanta D. Beatriz depois que sahiu de Portugal.

E' o proprio Claretta quem confessa que a duquesa de Saboya tem sido apreciada por modos diversos; mas a sua opinião exalça-lhe a memoria. Notando que Brantome faz referencia á altivez de D. Beatriz, diz que, tendo a duquesa seguido a causa de Hespanha, este facto explica o resentimento de Brantome. Dueros, na sua *Histoire d'Emmanuel Philibert*, explica essa altivez pela firmeza de character, que contrastava com a indecisão do marido, e entende que D. Beatriz deve ser collocada a par das mulheres fortes que a historia celebra.

Hoje, conhecidos os importantes documentos que Claretta deu á estampa, a lenda d'essa paixão contrariada, em que D. Beatriz e Bernardim Ribeiro durante tantos annos figuraram como victimas, recebeu por certo mais um golpe.

Se o trovador tivesse sido amado pela infanta, se, como suspeitava Alexandre Herculano, houvesse chegado até Saboya o segredo d'esses amores infelizes, de que Carlos III quereria tirar represalias, o character de D. Beatriz, em vez de se dobrar em carinhosas demonstraões de affecto para com o marido, haveria reagido pelo desdem, e até pelo desprezo.

Mas não é isso o que vemos das proprias cartas da infanta.

E, se por hypothese, D. Beatriz se soube algum dia amada de Bernardim Ribeiro, a noção do dever apagou completamente no seu coração a recordação d'esse amor infeliz. Seria, n'esse caso, um idyllio que tivera a duração de um meteoro, e cujas proporções a historia, rigorosamente descarnada, não pode avultar.

A nossa convicção, pelos factos que longamente indicamos, é que a tradição dos amores de Bernardim Ribeiro e D. Beatriz pertence aos dominios da lenda; que se alguma paixão vehemente infernou a existencia do poeta da *Menina e moça*, não foi D.

Beatriz que a inspirou; mas não achamos sufficientes os elementos até agora apurados para nos determinarmos pela opinião de Varnhagem ou pela opinião do sr. Theophilo Braga, quanto ao nome da dama que deve occupar o logar em que a lenda collocou, no coração do poeta, a infanta D. Beatriz.

ALBERTO PIMENTEL.

acharam-me muito rica para si e obrigaram-me a casar com um ambicioso, que esbanjou a minha e a sua fortuna. Estou pobre, nada sei da vida presente, vivo no passado, nas minhas recordações; venho com essas viridentes palmas da nossa juventude, que se tornaram em palmas de martyrio, rogar-lhe que me conceda uma entrevista.

Emma de L. . .



MATHILDE MARCELLOS (NOGUEIRAS)

UM AMOR DE QUARESMA

(Luiz Ulbach)

Um dos meus amigos recebeu, ha dias, uma carta, pouco mais ou menos concebida n'estes termos:

«Senhor

«Não ouseo tratá-lo por tu, ha tanto tempo que não trocamos os doces nomes de irmão e irmã, que satisfaziam e illudiam a nossa mutua sympathia! Mas se no seu espirito subsiste a memoria de Emma, da sua amiguinha de infancia, se ainda se recorda dos nossos brinquedos, das nossas doidas correrias no jardim de minha tia, e do que nos succedeu no ultimo dia das ferias, em que nos beijámos com tanto entusiasmo, que nunca mais permitiram que nos tornassemos a ver; se esse passado, florente e perfumado, ainda existe na sua lembrança, permitta-me que solicite a sua valiosa protecção, e que lhe peça o obsequio de recomendar-me ao sr. F., de quem depende o futuro do meu filhinho.

«Tenho soffrido bastante durante estes annos de separação;

O meu amigo atravessava uma crise de melancolia. A Quaresma da sua idade que se estendia, como um céu brumoso e monotonico, ao longo da Quaresma do calendario, entristecia-o.

A carta, que estava longe de ser alegre, afigurou-se-lhe um raio de sol. Atravez da enfadonha chuva de março e dos attritos da vida real, vio de repente o jardim, vio Emma, correndo com os seus cabellos loiros, e elle, o estouvado collegial, correndo tambem, agarrando-a, apertando a ao peito e dando-lhe um beijo, casto de certo, mas um pouco menos puro do que os beijos dos anjos.

Sentio de subito esse querido beijo esvoaçar-lhe na bôca, e teria mordido os labios, se não lhe faltassem dois dentes.

Como Emma era bonita e espirituosa!

Segundo se deprehendia da carta, não mudára. Que modestia e que habilidade, n'essa carta, aparentemente tão humilde!

O meu amigo beijou a missiva e achou-lhe como que um vago aroma de roseiras orvalhadas.

Não, evidentemente, Emma conservava-se a mesma encantadora rapariga d'outr'ora.

O meu amigo olhou para o espelho e foi obrigado a reconhecer que o tempo não o respeitara sufficientemente; de resto, era mais velho do que Emma, o que nunca fica mal a um homem. Quanto a Emma, concluiu que uma mulher bonita, embora um

bocadinho fanada, não é para desprezar. Quem ousará afirmar que as rosas pallidas não são formosissimas?

Pobre Emma! não fôra feliz no seu *ménage*; lia-se isso na sua carta. Essa certeza, porém, não o intimidava. As desventuras conjugaes separam os esposos, e a separação é uma garantia da estabilidade dos encantos moraes e phisicos.

Querida Emma! . . . a sua voz era bem timbrada, zombeteira. Essa voz, enternecel o-hia, em memoria do pasado. Que delicioso *tête à tête*! Beijal-a-hia elle, a não ser na mão? Na mão primeiro, n'essa pequena mão delicada e branca, que deve ter emmagrecido. Como será agora a sua physionomia? As loiras teem poucas rugas, mudam pouco; os cabellos loiros clareiam bastante, mas não são invadidos por essas abominaveis infiltrações de fios brancos em ondas pretas.

Ah! a formosa Emma, que ia transfigurar-se e apparecer-lhe! Dava-se a circumstancia do meu amigo, velho celibatario, ambicionar uma ligação semi-platonica ou inteiramente platonica.

O meu amigo é escriptor, e como tal lera nas memorias de Chateaubriand e de Berlioz, que esses dois vaidosos tinham querido tornar a ver, depois de uma ausencia de muitos annos, os dois idolos da sua mocidade e que houvera em qualquer d'essas entrevistas os indispensaveis elementos para se nutrirem deliciosas illusões! . . .

O meu amigo respondeu a Emma:

«Porque não me trataes por tu? Dar-se ha caso que ainda não me perdoasses o beijo, que me valeu uma tão cruel punição? Pela minha parte, não te quero mal pelo teu casamento, por tantos annos de infidelidade. Vem. Espero te sexta feira.

«E' sexta feira santa; mas quebrarei o jejum da minha vida e o bom Deus, que só apparentemente está morto, não deixará de absolver-nos.»

Julio de P. . .

Expedida a carta, o meu amigo sentiu se terrivelmente impaciente. Hontem, sexta feira, disse á sua cozinheira:

Não jejuarei; resolvi não comer de magro. Obedecia a uma tradição de familia, a que hoje não estou disposto a submeter-me.

A creada, melindrada nos seus escrupulo de fiel catholica, não comprou carne, convencida de que mais tarde o senhor reflectiria e não deixaria de arrepender-se.

Às onze horas, o timbre advertio o meu amigo da chegada da sua suspirada visita. Levou a mão ao coração. Quando o creado veio dizer-lhe que estava uma senhora na sala, sentiu tentações de interr-gal-o, de perguntar-lhe como era a tal senhora.

Evergonhou-se, porém, d'essa inconveniente pergunta, que equivaleria a um sacrilegio.

Entrou pois na sala, palpitando de commoção.

Uma velhinha, engelhada e tremula, esperava, assentada na extremidade de um fauteuil, como que receando sujal-o. Ao aspecto d'aquelle que vinha implorar, a velhinha levantou-se, balbuciou umas palavras sem sentido e estendeu a mão encardida, com unhas de preta, furando as malhas de uma luva de retroz. Adivinharia, por acaso, que elle rezolvera beijar-lhe a mão?

Essa resolução foi substituida por uma repulsa instinctiva. Nem sequer pensou em tratá-la por tu, cumprimentou-a gravemente, convidando-a a assentar-se e não a convidando para almoçar. Em seguida, com expressão solemne perguntou o que poderia fazer para lhe ser agradável.

Então a pobre e medonha velhinha expoz-lhe as miserias da sua vida. Chegára ao extremo em que a persistencia do soffrimento paralyza o cerebro. Em virtude de um milagre, não havia senão um lampejo de lucidez n'essa infeliz mulher embrutecida: — a recordação da sua mocidade!

Se o meu amigo a houvesse evocado, fallaria mais facilmente.

Emquanto a desgraçada tartamudeava, explicando, com grande difficuldade, que sustentava o marido, que soffria de uma hernea que lhe apparecera, em seguida aos maus tratos que elle lhe dera, que o seu sonho era ser admittida em um asylo e obter protecção para collocar o filho, elle contemplava-a, investigava-a e comparava a.

Do chapéo desbotado pendia-lhe uma flôr, pregada com um alfinete. Evidentemente, a pobre velha quizera aformosear-se. Os cabellos loiros tinham-se-lhe feito pretos, á força de poeira, e emmolduravam em caixilho de pau carunchoso a testa deprimida e maculada. Os olhos, outr'ora azues, tinham perdido o esmalte e decompunham-se em agua. A bôca, essa bôca que estremeceera ao contacto do famoso beijo, dilatara se, e no meio do labio superior, arroxado e contrahido, havia uma linha preta, longitudinal, como que accentuando o estigma impresso pela vaporação de um halito empéstado. A toilette da infeliz accusava o extremo do desmazelo. Viera a pé e os pés modelavam-se-lhe em lama.

O meu amigo abreviou a visita.

Já não pensava em Chateaubriand nem em Berlioz. Preoccupava-o apenas o desejo de afogar no esgoto o despojo d'essa putrida fiôr da sua juventude.

Deu uma esmola, prometteu auxiliar a pretensão da pobre mãe, cumprimentou-a respeitosa e impondo-lhe igual respeito, acompanhou-a á escada; e logo que ella saiu, ordenou ao creado que nunca mais lhe abrisse a porta. Em seguida, accrescentou:

Limpe a alcatifa e abra a janella.

A cozinheira esperava-o com o almoço prompto.

— Não tenho appetite, disse o meu amigo, tentando combater a nausea que lhe afluira aos labios. Dé-me um arenque, ou bacalhau. Decididamente, não deixarei de jejuar.

GUIOMAR TORREZÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOAQUIM MARIA TRAVASSOS VALDEZ

E' filho dos condes de Bomfim, e nasceu em Elvas, em 1850. Aos 16 annos de idade alistou-se no exercito, e completou aos 26 o curso da arma de cavallaria, em que hoje tem a patente de tenente.

O distincto official exerceu por algum tempo o lugar de secretario e ajudante de campo do commandante da sub-divisão militar do Algarve, competindo-lhe a reorganisação da respectiva secretaria, organisação e fiscalisação do primitivo cordão sanitario n'aquella provincia, e subsequente experiencia do serviço das fôças militares na fiscalisação externa aduaneira; collaborou particularmente, com o seu commandante, na elaboraçoão d'um plano para a organisação d'uma escola pratica de cavallaria e infantaria, sendo o primeiro official que se apresentou em Alcobaca para collaborar na organisação do regimento de cavallaria 9 com os contingentes do regimento dissolvido de cavallaria 2 e outros; foi depois nomeado membro da commissão encarregada de formular um novo regulamento de tactica da sua arma, onde acaba de apresentar um valioso e notavel trabalho.

O sr. Joaquim Travassos Valdez possui varias cadeiras da curso da Escola Polytechnica; fez, com distincção, o curso superior de letras, e habilitou-se depois com o curso para segundo secretario da legação diplomatica e consules de 1.ª classe. Um estudioso, um trabalhador.

Actualmente, está exercendo o lugar de consul portuguez em Shanghai, e o zelo, a honradez e a intelligencia de que dá todos os dias testemunhos no exercicio d'esse cargo, são dignas do maior elogio.

O nosso biographado é irmão do actual conde de Bomfim, par do reino.

Dois outros irmãos seus morreram em Moçambique, na campanha contra o Bonga.

MATHILDE MARCELLO (NOGUEIRAS)

E' este o nome com que uma dama da alta sociedade portugueza encetou a sua carreira artistica como cantora.

D. Mathilde de Sousa Sant'Anna e Vasconcellos, filha do fallecido diplomata visconde das Nogueiras, esteve tres annos em Paris estudando com a celebre madame Viardot a arte a que por vocação se dedicou, e fez a sua estreia artistica ha pouco tempo, em um theatro d'Italia.

Por diversos jornaes d'o M.lão, e por uma notavel correspondencia para o *Daily Telegraph*, de Londres, vemos que a distincta dama cantou com grande exito a *Lucia* e o *Fausto*, sendo alvo dos maiores elogios.

Quando o nosso semanario entrar no prélo, terá o publico de Lisboa tido o prazer de ouvil-a no theatro de S. Carlos, que a empreza amavelmente lhe facultou para dar um concerto.

Esse concerto foi patrocinado por um grupo de damas illustres, que admiram a nossa illustre compatriota pela nobreza do seu character e pelos dotes que a adornam.

Não seremos os ultimos a ir applaudil-a e desde já formosmos sinceros votos para que na sua carreira, tão auspiciosamente começada, encontre semeado das mais bellas flores o difficil caminho que tem a trilhar.

Fallando acerca da formosissima e já notavel cantora portugueza, diz um jornal:



PIO IX

«A sr.^a D. Mathilde de Sant'Anna e Vasconcellos foi ha dias ao theatro de S. Carlos, e ali, em presença de muitas pessoas que tinham desejo de a ouvir, cantou algumas arias, para se avaliar o volume da sua voz. Escusado será dizer que foi uma verdadeira surpresa. Poucas artistas, que aqui se teem applaudido, reu-nem os dotes vocaes d'aquella senhora. As pessoas que assistiram á experiencia, applaudiram com o maior enthusiasmo a distinctissima cantora portugueza:»

— —
PIO IX

O Papa Pio IX, Giovanni-Maria Mastai, a quem Leão XIII succedeu no throno pontificio, nascera em Sinigaglia, de uma familia nobre e distincta, a 13 de maio de 1792. A sua educação foi esmerada.

Com o espirito rico de conhecimentos e o coração repleto de enthusiasmos, alistou-se aos 21 annos no 1.^o regimento das guardas de honra do departamento de Transcimene, fazendo toda a campanha de 1813 ao lado dos *landweher* e *lanstern* das universidades da Allemanha, e da flôr da mocidade franceza, com uma coragem e uma dedicação eguaes ás dos mais esforçados.

Firmada a paz, voltou á patria em 1814, isto é, ao mesmo tempo e á mesma hora em que a Europa discutia a união da Italia.

Não lhe soffrendo o animo varonil despir a farda que recebera nos combates e nas victorias uma consagração suprema, dirigiu-se a Roma, e solicitou do papa Pio VII auctorisação para se encorporar na guarda nobre, composta então, quasi toda, de soldados de Napoleão, cujas figuras marciaes Horacio Vernet reproduziu assombrosamente n s mais bellos dos seus quadros.

Chegou um dia, porém, em que Giovanni Mastai abandonou subitamente a gloriosa carreira das armas, que seguira com tão heroico ardor.

Querem uns que esta transformação fosse operada por uma violenta paixão asperamente contrariada; querem outros que fosse devida a um voto feito á Virgem, nas horas angustiadas de uma doença gravissima, que chegara a parecer mortal.

Giovanni Mastai encetou e concluiu os seus estudos ecclesiasticos nos dias difficeis do pontificado de Pio VII, seu amigo e seu parente. A estas duas circumstancias, e aos seus muitos conhecimentos deveu a rapida elevação á prelacia.

Escolhendo para logo o cargo de director do hospital dos orphãos (*dei Giovanni*) instituição de um artista romano, destiuado as creanças abandonadas e enfermas, justificou de certo modo os que explicam o reviramento da sua vocação, attribuindo-o á piedade ou ao amor.

Nomeado *canonico di Santa Maria di Via Lata*, Giovanni foi escolhido para a missão do Chili, como auditor de mensenh Muzi.

Ao regressar d'esta missão, descia ao tumulo Pio VII Leão XII, apreciando os serviços relevantes de Giovanni, elevou-o á dignidade episcopal, depois de o ter incumbido da presidencia do grande hospicio de S. Miguel, e entregou-lhe a Sé de Spoleto, que acabava de ser por elle constituida em arcebispo.

A Leão XII succedeu Gregorio XVI, que transferiu monsenhor Giovanni para Imola, por ter sido este bispado governado por Pio VII, illustre ramo da familia Mastai, altamente considerada pelo povo da mesma diocese, e o elevou a cardeal, em 23 de dezembro de 1839.

No dia 3 de junho de 1846 passava á eternidade Gregorio XVI e pouco depois era proclamado seu successor o cardeal Giovanni Mastai, tomando o nome de Pio IX, e recebendo as felicitações de todas as côrtes, que diplomaticamente haviam influido na eleição do pontifice, com a qual prendiam largos interesses.

Apenas eleito, Pio IX escrevia uma carta a seus irmãos, mais novos do que elle, que contava então 54 annos, na qual lhes pedia que fizessem com que a terra da sua naturalidade applicasse a obras de interesse publico as quantias que tivessem destinado para festas pela sua eleição. Conhecidas do publico estas palavras, e a promessa solemne de que em todo o seu pontificado não daria collocação alguma official aos seus parentes, por mais afastados que fossem, mereceram-lhe o enthusiasmo dos povos.

De perto ou de longe, Giovanni Mastai tratou com todos os homens mais notaveis que resplandeceram nas lettras, na diplomacias na politica, nas artes, nas sciencias e na guerra, no periodo, para t das florescente, que enche a primeira metade do nosso seculo.

MODAS

1.^o Toilette de luto pezado em cachemira da India. Corpete franzido no peito e guarnecido de tiras de crepe inglez, applicado nasabas em pregas. Mangas justas, guarnecidas de crepe. Saia redonda, com pannos de crepe na frente e aos lados, e armada em pregas. Grande «draperie» preeguada, com rebuço de crepe inglez. Capota de crepe, enfeitada com laçadas da mesma fazenda. Grande véo caído para traz.

Faz-se esta toilette com 11 metros de cachemira e 1 de escumilha.

2.^o—«Costume» para creança, luto aliviado. Vestido de se-

tineta branca com pintas pretas, corpete blusa, abrindo sobre uma camizinha preta que forma rebuços e hombreiras iguaes. Saia armada em machos, cingida na frente com um grande laço de fita preta. Chapeu de feltro preto, guarnecido de plumas brancas

3.^o—Toilette de luto. Saia de cachemira, corpete de bico, guarnecido com rebuços e gola de escumilha. Mangas justas, enfeitadas de escumilha. Saia preeguada, coberta de um lado com um apanhado de cachemira e do outro com um panno ou quilba de escumilha. Chapeu redondo de crepe, enfeitado com pennas pretas.

Faz-se este vestido com 11 metros de cachemira da India e 5 de escumilha.]

Áé á semana, minhas amigas, e oxalá que ella afugente por uma vez o inverno e nos dê a nossa supprimida primavera.

ANTES E DEPOIS DO BENEFICIO

(A proposito do incendio do Baquet)

.....
O actor Firmimo. Desfigurado. Um colosso prostrado. Um folgasão soluçante.—Perdi tudo: tenho só a roupa do corpo. Estou sem emprego e sem pão: mas isto não é nada: Entendes tu? Tres pessoas mortas d'aquella morte e entre ellas a minha filhinha!»

SILVA PINTO.

I

Filha, eu peço-te um favor:
Assiste hoje á minha festa;
Embora seja modesta,
Ha de haver lá muita flôr.
Filha, eu peço-te um favor:
Assiste hoje á minha festa.

Com quantas rosas me derem,
Quero o cabelo adornar-te;
Na cabecita pousar-te
As c'róas que me trouxerem.
Com quantas rosas me derem,
Quero o cabelo adornar-te.

Teu melhor vestido apresta,
O de mais al-gre côr;
Não te demores, amor,
Vem commigo á minha festa.
Teu melhor vestido apresta,
O de mais alegre côr.

E á festa do pae, garrida,
A creança não faltou;
N'um momento se enropou,
Toda de branco vestida.
E á festa do pae, garrida,
A creança não faltou.

D'alvas roupas se vestiu
O seu corpo delicado;
Ficou todo enfeitado
O pobre pae, quando a viu!
D'alvas roupas se vestiu
O seu corpo delicado.

II

Por entre canções, ridente,
Declinando a festa ia,
E a creancita sorria,
Sorria ali, docemente...
Por entre canções, ridente,
Declinando a festa ia.

Por mil gargantas vibrado,
Subito, um grito resôa,
Que a morte horrenda apregôa;
E o fogo irrompe açodado.
Por mil gargantas vibrado,
Subito, um grito resôa.

Espessa, negra, medonha,
A fumarada asphixia.
E a pequenita, sorria...
Sorria!... nem se quer sonha
Que a vida se lhe esvazia
N'aquella expressão risinha!
Espessa, negra, medonha,
A fumarada asphixia.

E o vestido alvo da neve
Sobre que o fumo se espalha,
Tornou se ali, muito breve,
Da infeliz a mortalha.

E os ramilhetes de flores,
Que o pae, todo elle desvelos,
Queria pousar nos cabellos
Doirados dos seus amores,

Adornam todos, agora,
Um triste caixão mesquinho!

Infeliz do pae, que chora!
Coitado do pobre anjinho!...

29 - 3 - 88.

CASIMIRO DANTAS

A RIR

Calino revolve meio mundo, para poder fazer a estatística de todos os casamentos realizados em Lisboa no anno de 87.

—Para que é esse trabalho? pergunta-lhe um amigo.

—E' que ando desconfiado de que casaram mais homens que mulheres.

*

Outra, do Calino Junior:

Um medico receita-lhe agua de Sedlitz.

—Custa muito a beber?

—Só o primeiro copo é que custa.

—N'esse caso, beberei o segundo.

PERFIS

VIII

AURORA

(A Antonio Diego da Silva)

Debruçada no balcão
Todo a hera debruado,
Ella espera o namorado,
E comprime o coração...
Debruçada no balcão
Todo a hera debruado.

A noute vae avançando,
Mergulhada no luar;
Sentem-se aromas no ar,
Que perpassa siciando...
A noute vae avançando
Mergulhada no luar...

E ella ainda espera e implora
O noivo que tarda já;
E pergunta:—não virá?!
Ao mesmo tempo que chora...
E ella ainda espera e implora
O noivo que tarda já..

LUIZ DA SILVA

UM CONSELHO POR SEMANA

PAPEL HYDROGRAPHICO

Temperam-se as folhas de papel usual n'uma solução ligeira de nóz de galha, seccam-se á sombra e cobrem-se de sulphato de ferro calcinado e reduzido a pó muito fino, e esfrega-se o papel todo.

E' evidente que o papel assim preparado possui todos os elementos necessarios á formação da tinta.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

D'Apollo o brilho seu muito fulgente,
Da pyra incandescente o seu calôr,
São cousas que não posso comparar
A' luz do teu olhar, ó meu amôr!—2

E se ás vezes me lembro, minha bella,
Que tu fazes pulsar meu coração,
Por momentos esqueço que só devo
A ti, a minha vida, a salvação.—2

CONCEITO

Nas minhas é a noite sempre escura
Se acaso lá lhe falta a tua luz;
Se pois do pobre obreiro a lanterna,
O astro luminoso, a sua luz!

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

Bombas! apitos!
Arde-m'o edificio!
Bombas! apitos!
Oh! que bulicio!

Pobres tarecos...
Que vão arder!
Pobres tarecos...
Que hei-de fazer?..

Lá vem a guarda!
—Que é tão reversal—
Lá vem a guarda!
Tudo dispersal!

Salve-m'o gato...
Senhor bombeiro!
Salve-m'o gato...
D'esse brazeiro!

Estou em fralda...
Sôr inspector!
Estou em fralda...
Um cobertôr!..

Ardem-me os trapos!
Oh! isto é crú!
Ardem-m'os trapos! 2
Vou ficar nú...



● 2025

A. For

Salvem a trançal
—Oh! que cabellos!—
Salvem a trança
Do meu ourelol

Bombas! apitos!
Arde-m'o edificio!
Bombas! apitos!
Oh! que bulicio!

Enigma

No chão, 'stou poisada,
—Note, não sou loisa,—
P'ra não ser pisada,
Vejo muita coisa.

Se me martyrisam
E mettem-me em dansa,
Me calcam, me pisam,
Eu tiro vingança.

O que me parece,
—E', eu assim cuido!—
Se tal acontece
E' só por descuido.

C'o a fria invernã,
Eu sempre appareço;
Mas de Estio, um dia,
Se o vejo, pereço,

No chão 'stou poisada,
—Notem não sou loisa,—
P'ra não ser pisada,
Vejo muita coisa...

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DAS CHARADAS : —Amano—Poro—Titia—Domitio—Prosa—Pomona—Sopor—Semana—Ramadan.

DO LOG GRIFF : —Pensamento.

A VOLTA

Elle tinha doze annos quando partiu para o Rio de Janeiro; a alma cheia de esperança e fé no futuro; o rosto de *baby*, ingenuo e meigo; os olhos brilhantes de chorar pela avosinha, uma mulher d'armas, d'antes quebrar que torcer, a unica pessoa de familia que tinha no mundo e que o creara, visto terem fallecido os paes, um após outro, quando ainda era de berço.

Mas era necessario ganhar a vida, não em tentativas, mas a pleno folego; e seguindo a corrente popular, nenhuma outra estrada se offerecia mais ampla, mais ridentemente aberta do que a do Brazil, feita de saphiras do Atlantico, n'um desdobramento de milhares de leguas, com uma abobada celeste, onde brilhava como um lustre excentrico o gracioso cruzeiro do sul.

E foi o nosso rapaz, cheio d'essa fé ardente no porvir, que anima sempre as organizações jovens. Ficou-lhe na Europa, alem da bella avosinha, a quem muito queria, a sua noiva, como tinha a petulancia de chamar á filha do Antonio dos Açores, um marítimo a valer, um bravo leão da costa.

Os dois pequenos adoravam-se. A Rosinha, de igual idade do rapaz, era uma moçoila de truz e revelava já, na sua pujante plastica, uma futura rainha de belleza. Orgulhava-se com isto, o José, que pelo seu lado, tambem era um formoso rapaz.

Mas o pae da Rosinha, conscio da perola que Deus lhe tinha dado como filha, se bem achasse graça á nascente inclinação dos dois pequenos namorados, comtudo, na sua qualidade de homem pratico, declarava formalmente a quem o queria ouvir, que só casaria a Rosa com um homem que tivesse de seu.

Ter de seu, não é uma cousa facil entre as populações pobrissimas da costa açoriana, que vivem geralmente da pesca e da cabotagem. E o pequeno José, não herdara de seus paes, senão memoria honrada e obscura; e creado pela avosinha n'uma praia quasi deserta, não tinha habilitações nenhuma e apenas dispunha da força muscular, triste recurso para um rapaz inexperiente, n'uma epoca em que a machina tende a substituir o homem.

Era ainda novo para sentar praça ou ganhar alguma cousa na pesca, visto que as suas mãos pequenas e os seus braços curtos, não podiam ainda segurar com alma a escota das redes.

N'esta crise, houve quem apontasse para as terras de Santa Cruz; como para um pharol distante, que entremeluzia radiante de promessas, n'uma penumbra mysteriosa e doce, como é sempre a da esperança.

Partiu, pois, para o Brazil, no meio das lagrimas da Rosinha, da avó e de todas as pessoas amigas.

*
* *

Passaram vinte annos, vinte seculos na vida de um namorado e de um ausente. E embora o Brazil tenha muita *sinhá* e *sinhásinha*, além do canto do sabiá entre palmeiras, um sol fulgurante e rios que parecem mares, o nosso José não trocava todas essas maravilhas pelos rochedos da sua ilha querida, nem as *sinhás* de voz languida, pelos braços cariciosos da sua meiga Rosinha. Mas queria vir rico, deslumbrante, irresistivel, com o seu chapeo branco de Chili, os seus cordões d'ouro, relógio do mesmo metal e anneis de brilhantes.

Foi isso que o perdeu, ou antes, que o demorou vinte longos annos atraz do balcão de seccos e molhados na famosa rua da Uruguyana.

Em todas as cartas fallava entusiasticamente na Rosinha, como se a tivesse deixado recentemente; pedia noticias d'ella, minuciosas, insaciaveis, zelosas. Adivinhava-se atravez das phrases vibrantes das cartas, o amor do homem já feito, sereno e forte, reflectido e profundo, a paixão immensa, honesta, capaz de todos os sacrificios e heroísmos. Conhecia-se que aquelle ente, não vivia senão de uma idéa que alimentava toda a sua existencia moral—a satisfação do seu amor, o ponto final da sua longa espera de tantos annos.

Quantos não estarão no Brazil, n'estas condições?

E mandava, com os presentes de dinheiro á avó, os presentes de amante á Rosinha. E a velha respondia em nome d'ambas, agradecendo muito, agradecendo do coração.

*
* *

Tudo tem um fim. Um bello dia, a barca *Arabella* chegou ás ilhas, levando a seu bordo, entre outros insulanos que regressavam aos lares patrios, o nosso José, o qual largou logo n'um barco para o ponto da costa onde morava a avó.

Ao pôr o pé em terra, teve um singular aperto de coração; dir-se-ia um presentimento. Quem o observasse bem, vel-o-ia empallidecer sob as largas abas do seu chapeo de Chili. Mas avançou resolute em direcção á casa da avó querida, causando o espanto de toda a gente, que o olhava, pasmada, sem o conhecer, tão grande e lustrosa era a sua barba negra e tão queimado o seu rosto, outr'ora alvo e velludineo.

Elle, porém, não se importou com isso, e empunhando magestosamente o seu guarda-sol de seda, avançou n'um passo intrepido pelo areal fóra, seguido dos barqueiros carregados com gaiolas de papagaios e araras, não contando com um grande macaco empoleirado sobre os hombros de um barqueiro e arreganhando os dentes aos rapazes. Fechavam a comitiva quatro bahus de respeitavel grandeza e não menos respeitavel peso, a avaliar pela marcha dos homens que os levavam.

Foi um levante geral na povoação, quando se viu aquelle estranho personagem parar á porta da avó do José que estava no Brazil, e que se reconhecia agora ser o mesmo que voltava de lá.

Achava-se aberta a porta da casa, como é uso entre a gente pobre do campo, e por isso foi facil ao brasileiro penetrar na primeira divisão sem ser presentido. Vendo que não estava ali ninguém, aproveitou a occasião, como homem pratico e costumado a accomodar objectos na loja, para arrumar a bagagem, livrando-se dos importunos que o seguiam.

Fez depositar no chão os bahus e as gaiolas, pagou aos barqueiros e em seguida fechou a porta, com toda a sem cerimonia, na cara dos curiosos, e dirigiu-se para o interior da habitação. Passou ainda duas casas, e chegando á ultima, uma ampla divisão que servia ao mesmo tempo de cosinha e quarto de jantar, deparou-se-lhe finalmente a avó, toda entretida a fazer o jantar.

A boa mulher achava-se de costas voltadas para a porta de entrada, e por isso não viu assomar no humbral a figura energica do brasileiro. Ao lado d'ella, estava uma rapariguita de doze annos, igualmente voltada de costas para a porta.

O José parou commovido no limiar da porta, a contemplar aquelle sereno quadro de familia, e n'um relampago passou-lhe por diante dos olhos toda a quadra da sua juventude. Viu-se então com doze annos, quando embarcou para o Brazil, despedindo-se da avó, ainda uma mulher robusta e agora toda curvada; e até a presença d'aquella pequena, que elle não sabia quem era, contribuiu para completar á scena retrospectiva.

Passado o momentaneo abalo, o brasileiro avançou alguns passos. Ao ruido que fez, ambas as mulheres voltaram a cabeça

surprehendidas e dois gritos se escaparam dos seus labios, mas dois gritos distinctos. A creança soltara um grito de surpresa á vista do desconhecido personagem. A avó, um grito de terror; e com os olhos dilatados e fixos no brasileiro, devorava-lhe as feições, como que temendo adivinhar quem elle era. E com os braços estendidos, não tinha a expressão de quem o queria abraçar, mas a de quem desejava repellir-o.

O José, impressionado por um acolhimento que estava longe de esperar e suppondo que a avó, por causa da sua avançada idade, não o conhecesse, aproximou-se rapidamente d'ella, mas a pobre mulher recuou transida de susto, até á parede, procurando occultar com a saia a rapariguita, que se achava agarrada a ella.

Então o brasileiro tomou-lhe vivamente as mãos e apertando-lh'as, disse com a voz alterada pela commoção:

—Não se assuste, avó. Sou eu! Então? Não me conhece?

Estas palavras, longe de acalmarem, redobram a anciedade da velha, e foi gaguejando que respondeu:

—Tu! o José!

E subitamente caiu de joelhos, levantando para elle as mãos supplices, e exclamou:

—Perdão!

—Perdão de que? gritou espantado o José, recuando um passo, e attentando profundamente na avó, na supposição de que ella estava doida.

Mas ao mesmo tempo, um grito de assombro lhe tremeu nos labios, ao desviar o olhar para a pequena que, toda encolhida ao lado da avó, se achava agora a descoberto. O José, n'um movimento brusco, agarrou a pequena e arrastou-a para a janella para a examinar á vontade.

—E' maravilhoso! exclamou elle, voltando-se para a velha. Esta rapariga é o retrato da minha noiva! E' tal qual a Rosa, filha do Antonio dos Anzoes, quando tinha doze annos e a vi pela ultima vez!

A pequena que era muito intelligente, como o são geralmente os filhos do amor, e que tinha prestado a maior attenção ás palavras do brasileiro, respondeu muito depressa:

—Ah! a Rosa de quem o sr. falla, é minha mãe.

—Como! Tua mãe! A Rosa, filha do Antonio dos Anzoes?

—Sim, senhor.

—E teu pae, quem é?

—Eu não sei! Nunca o vi...

O brasileiro deu um pulo como um animal selvagem, e empurrando violentamente a pequena para a porta, disse-lhe:

—Vae-te. Deixa-me só com esta mulher!

E depois da rapariga ter saído, postou-se em frente da avó aniquilada, e crusando os braços com um frio desespero, sibilou-lhe esta simples phrase:

—Explique-se!

A avó, mais morta do que viva, contou-lhe então que a linda Rosa aos vinte annos, se deixara seduzir por um valdevinos do qual tivera aquella filha, e que logo a abandonou; mas que ella sempre conservara pelo brasileiro um amor entranhado, que aquella loucura não dissipara.

—Mas porque não me avisou? interrogou o José.

—Porque sabendo que a unica cousa que te fazia ter amor ao trabalho, era a idéa na rapariga, não desejava cortar-te a carreira com uma má noticia. Assim, calei-me, e tu podeste enriquecer. Agora, faze o que entenderes. Se me tivesses avisado de que voltavas, tinha-te mandado contar, tudo para te poupar a esta vergonha...

—E á morte.

—Que dizes?

Mas já o brasileiro não lhe prestava attenção. Desvairado, correu a um bahu, abriu-o, tirou um estojo, d'onde sacou um bello revolver que enfiou na algibeira. E diante da pobre velhinha attonita, saiu precipitadamente.

Atravessou como um furacão a unica rua do povoado e penetrou na casa do pae da Rosa, onde a rapariga morava. Viu diante de si uma formosa mulher de trinta e dois annos que logo reconheceu como a sua noiva, Em frente d'ella, a pequenita que elle encontrara em casa da avó, contava-lhe o succedido.

Apenas a pequena ouviu, soltou um grande grito e exclamou:

—E' elle, minha mãe!

Os olhos do brasileiro chammejaram ao ouvir pronunciar aquellas doces palavras, e puxando o revolver, apontou-o resolutamente, com um silencio terrivel, á cabeça da Rosa.

Ella nem se mexeu. Parecia paralyzada pela presença do seu antigo noivo, e envolvia-o n'um olhar meigo e curioso em que havia um mixto de ternura, susto e surpresa. A filha, porém, que não tinha os mesmos motivos para se surprehender, cobriu instinctivamente com o corpo a mãe, que se achava sentada, e lançou-lhe os braços á roda da cabeça, voltando a sua carinha um pouco pallida para o feroz brasileiro.

Era a segunda vez n'aquelle dia, que o José, via de frente a cara da pequena, e a sua pasmosa someihança com a mãe, quando aos doze annos d'idade se despedira d'elle na praia; imagem que conservara durante vinte annos, gravada na retina e no coração, exercia agora novamente n'elle o seu imperio, mas com uma intensidade absoluta, dominadora, fascinante, implacavel.

Parecia lhe estar diante da verdadeira Rosinha, a sua antiga com panheira de brinquedos e folgores, a que lhe recebera o ultimo beijo.

E com os olhos humidos de lagrimas, deixou escorregar da mão o revolver, e caindo de joelhos diante da mãe e da filha abraçadas, exclamou n'um soluço:

—Sou um insensato!

A Rosa, n'um impeto, desviou a filha e curvando-se para elle, ergueu-o nos braços...

JOSÉ MARIA DA COSTA.

FRAGMENTO

(De A. Karr)

E' horrivel, é enclemencia da parte de Deus ter-nos posto no coração desejos insaciaveis, necessidade de coisas que não existem.

Não se pode amar uma mulher sem remontar o curso da sua vida passada.—Não ha uma só que chegue ao nosso poder virgem de espirito e de corpo.

Uma senhora das minhas relações, já avançada em annos, que gosta muito de conversar e contar historias, isto é, de passear com a gente pelos caminhos verdejantes por onde deslisou a sua mocidade, confessou-me que tinha amado pela primeira vez aos sete annos.

Aos sete annos achou-se apaixonada, ciumenta, desesperada.

Quando um sujeito de seus trinta annos, que costumava trazer-lhe bolos e assental a nos joelhos, se casou—ella, a pequerrucha, fechou se no seu quarto para chorar á vontade e chamar-lhe perfido e ingrato.

E quando a gente vé nas Tulherias todas essas creanças que, a pretexto de saltarem as suas cordas e de fazerem correr os seus arcos vão recolhendo os olhares dos transeuntes do mesmo modo que colheriam malmequeres no prado,—quando qual relembra a historia do seu coração, vé claramente que o amor começa cedo —e não acaba,—que é a vida,—e que não ha nada mais desgraçado e ao mesmo tempo mais absurdo do que querer exigir de uma mulher que se encontra quando ella tem vinte e cinco annos, o ter reprimido até então os seus affectos; e ter esperado para amar que vos approuvesse a vós, cuja existencia ignorava, o vir reclamar esse thesouro que devia ter conservado apesar de tudo. E vós podieis não vir, podieis até, sabendo-vos tão anciosamente esperados, não mostrar maior interesse em apparecer. Porventura não estive eu seriamente apaixonado aos dez annos por uma formosa rapariga de vinte e quatro que me chamava o seu maridinho e me levava comsigo para toda a parte?

Eu servia-lhe de pretexto, de sustentaculo, de fiador ao respeito.—Commigo pela mão, passava por uma mulher casada—com o filho.

Deixavam n'a sabir commigo e não eram capazes de a deixar sahir sózinha. Graças á minha companhia podia encontrar-se com «um sujeito».—Talvez não acreditem, mas sinto ainda que na escolha d'essas palavras: «um sujeito,» para designar o guapo e elegante moço que a requestava, conservei um tal ou qual rancor contra elle. Quando soube que tinham casado julguei-me trahido.—Passado tempo, aos doze annos, não fiz os primeiros versos—que escrevi em bastardinho pela simples razão de ainda não escrever cursivo—a uma vizinha que costumava encontrar na escada? Mas, já mais vicioso, era naturalmente mais timido; não ousava dar-lhe os versos, perdia-os na escada que descia rapidamente adiante d'ella, depois de a ter esperado durante muitas horas; depois, tinha medo, evitava encontral-a, fugia-lhe.

Não, este amor que nós todos desejamos, o primeiro e o unico amor de uma mulher, não existe do mesmo modo que não existe o amor exclusivo.—Pode-se durante um certo espaço de tempo amar um só homem, mas ama se em todo o caso o amor dos outros, e é com prazer que ellas veem poisar em seus rostos esses olhares ardentes.—Mas então, perguntarei mais uma vez, que desespero é este por não encontrar o que não existe?

Ninguem se desespera porque a ramaria das arvores não seja azul celeste e lilaz como nos quadros de certos pintores do tempo de Luiz XV.

Ninguem se desespera por não encontrar nos prados os carneiros cor de purpura ou de açafrao de que falla Virgilio.

Não se exigem as arvores, nem os carneiros dos livros e dos quadros: porque se exige pois o amor dos livros?—Porque é que se pede ás mulheres que não sejam mulheres?—E' que uma Providencia inimiga poz-nos em germen na cabeça e no coração um retrato phantastico impossivel.—E' que nós somos todos como o Don Quichote em busca de uma Dulcinéa imaginaria.

CASTOR.

HISTORIA DE ROMA

DE VICTOR DURUY

TRADUÇÃO DE MANOEL PINHEIRO CHAGAS

O addiamento que se tem dado na publicação d'esta importantissima obra, foi devido ao grave attentado de que foi victima o illustre escriptor o sr. conselheiro **Manoel Pinheiro Chagas**; mas estando S. Ex.^a em plena convalescença e todo entregue ao trabalho de traducção da **Historia de Roma**, vae esta publicação seguir com toda a regularidade, **achando-se já impressa a 1.^a caderneta e sahindo d'hoje em diante uma caderneta por semana.**

Pedimos portanto ás pessoas que desejem subscrever para esta notabilissima obra, que o façam com a maior brevidade.

A HISTORIA DE ROMA, é publicada em magnifico papel, typo completamente novo e illustrada com

400 primorosas gravuras

Sendo 180 de pagina inteira.

A obra completa constará de 48 fasciculos.

A HISTORIA DE ROMA é publicada em cadernetas in 4.^o grande, a 2 columnas de 16 paginas e aos fasciculos de 32 paginas com capa.

Custo de cada caderneta em Lisboa 60 réis, pago no acto da entrega.

Custo de cada fasciculo nas provincias 120 réis, franco de porte, pagos adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a **Rodrigo de Mello Carneiro Zagallo**, escriptorio da Empresa, travessa da Queimada, 35, Lisboa.

Já se acha impressa a primeira caderneta e continua com toda a regularidade em cadernetas semanaes.

CORRESPONDENTES

Como pequena indemnisação para os correspondentes pelos incommodos que lhes possa causar a distribuição dos fasciculos e das despesas com remessas de dinheiro, a empresa concede a commissão de 15 0/0 a todas as pessoas que se reponsabilisarem por qualquer numero de assignaturas superior a duas; 15 0/0 e um exemplar gratis de 10 assignaturas para cima; e 20 0/0 de 30 assignaturas inclusivé em diante, além de um exemplar gratis.

Assigna-se em Lisboa nas livrarias do costume e no escriptorio da empresa, T. da Queimada, 35, Lisboa.

No Porto—no kiosque de Vieira Magalhães, na praça de D. Pedro, e em todas as livrarias.

Nas outras terras das provincias em casa dos correspondentes da Empresa.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Rodrigo de Mello Carneiro Zagallo, travessa da Queimada, 35, Lisboa.

